

PARA O ESTUDO DA RECEPÇÃO POÉTICA DE GIACOMO LEOPARDI EM PORTUGAL

ANTÓNIO FOURNIER*

Confesso-lhes, francamente, que naquele momento, perante aquele notável pintor que aspirava a ser simples máquina fotográfica, só me apetecia “olhar o céu e sorrir”, como diria o triste Leopardi.

Francisco Costa, *Diálogos estéticos*,
Editorial Verbo, Lisboa, 1981, p. 164.

HÁ SEGUNDO CREMOS UM EQUÍVOCO de fundo numa certa percepção de Giacomo Leopardi em Portugal, que o leva a ser associado ao fatalismo do destino. Esta desfocagem oblitera o facto de um poema como *O infinito* conseguir levar, como poucos, a poesia a questionar-se a si própria como pulsão vital perante uma indeterminação de fundo vivida como experiência imersiva na sua mais absoluta lucidez. Há

* Docente universitário, ensaísta, crítico literário, tradutor. Vive desde 1996 em Itália onde se especializou em linguística textual e tradução literária na Universidade de Pisa em 2000 e se doutorou em Literatura portuguesa com a tese “‘A bulimia do Belo’: para uma cartografia literária de Itália na literatura portuguesa” na Universidade de Bari em 2007. Foi ainda Assistente de Introdução aos estudos literários, Literatura portuguesa e Literaturas africanas de expressão portuguesa na Universidade da Madeira (1994-1998) e Leitor de Língua e cultura portuguesa pelo Instituto Camões na Universidade de Pisa (1996-2002), tendo ensinado brevemente também na Universidade de Milão (2003-2004) e na Escola Superior de Línguas Modernas para Tradutores e Intérpretes de Trieste (2000-2001). Ensina desde 2006 Língua e Tradução portuguesa e brasileira na Universidade de Turim. antonio.fournier@unito.it

que notar que esta projecção no *espelho do infinito* é expressa numa língua em que ainda ressoa o classicismo de um aristocrata cuja esmerada formação erudita corresponde inevitavelmente à sua dicção poética. Porém, e por outro lado, essa mesma experiência sensorial e intelectual que nada tem de místico ou metafísico, leva a que o *pensamento poetante* se funda com um vazio imaginado com os chamados *sinais do infinito* rematados com o conhecido verso “e naufragar mi è dolce in questo mare” -, abrindo decisivamente caminho para o romantismo que atravessará o *Ottocento* italiano até desaguar, noutras formas e modalidades – o simbolismo, o hermetismo - no século XX. Por isso, podemos considerar Leopardi um precursor de poetas como Dino Campana, exímio indagador do “sorriso de lonjuras ignotas” (como se lê em *La chimera*), capaz de dar livre curso ao seu belíssimo orfismo visionário, ou Eugenio Montale, autor do excelente poema *La casa dei doganieri* (in *Le occasioni*) no qual, depois de caracterizar esse espaço de fronteira situado “sul rialzo a strapiombo sulla scogliera (...) in cui v’entrò lo sciame dei tuoi pensieri / e vi sostò irrequieto”, se interroga sintomaticamente: “il varco è qui?”.

Considerando esta antropologia poética, parece-nos evidente que para verter para português a poesia de Giacomo Leopardi com tudo aquilo que lhe está subjacente, era necessária a linguagem plástica de um poeta simultaneamente possuidor de uma enorme cultura clássica, e muito hábil e dúctil no delicado processo de *actualização do incomtemporâneo* que é a tradução poética. Como afirma Luciana Stegagno Picchio numa carta ao tradutor, datada de 20 de Abril de 1994, “Leopardi é o nosso nume e pesadelo. Porque se Dante tem ainda uma língua primitiva e actual, ele, Leopardi, diz coisas sublimes numa forma para os nossos ouvidos de hoje quase rebarbativa (‘la donzelletta vien dalla campagna, e reca in mano un mazzolin di rose e di viole, onde, siccome suole...’). O meu amigo suavizou Leopardi”.

Estamos a falar de Albano Martins que convidámos pela primeira vez para participar numa iniciativa que organizámos na ilha da Madeira em 1999, aquando das comemorações leopardianas no mundo. Já em 1986, Albano Martins tinha traduzido e publicado na editora Vega dezassete das famosas composições do poeta italiano e, na sequência desse nosso primeiro encontro, viria a realizar – também mediante o contacto assíduo que com ele mantivemos, pois vivendo em Itália, não nos foi difícil facultar-lhe algum material útil – a tradução integral dos *Cantos*, o que veio a acontecer em 2005 com as Edições Asa. Essa primeira tradução completa e anotada constitui um marco na recepção do poeta italiano em Portugal, autor que curiosamente começou por ser dado a conhecer cem anos antes através de uma sua biografia, o que não deixa de ser sintomático do espírito do tempo e de uma certa curiosidade intelectual por parte de alguns poetas portugueses marcados na altura pelo pessimismo existencial. Sem esquecer naturalmente o famoso *Canto a Leopardi* escrito por Fernando Pessoa em 1934, foram precisos cerca de cem anos para que Giacomo Leopardi, graças a Albano Martins, passasse a fazer parte do património simbólico da variante europeia da língua portuguesa.